

11 20730

transporte coletivo / 2012

MÁFIA DOS TÁXIS

Mulheres têm 392 permissões, mas passam longe dos táxis

FOTOS: LEONARDO QUARTO

Nem 1% dirige os carros; na maioria dos casos, as placas ficam com parentes ou são alugadas

■ **VILMARA FERNANDES**
vfernandes@redgazeta.com.br

■ **LEONARDO QUARTO**
lquarto@redgazeta.com.br

São poucas as pessoas na Grande Vitória que já andaram em um táxi guiado por uma mulher. O que é uma contradição, já que o número de licenciadas pelas prefeituras é considerável. Em Vitória, Serra, Cariacica, Vila Velha e Viana – que possuem, ao todo, 1.978 licenças –, a quantidade de permissionárias chega a 392, mas nem 1% delas está nas ruas. A maioria apenas possui as placas, que, na prática, pertencem a familiares – filhos, maridos, cunhados – ou são alugadas.

De acordo com o professor de Estatística da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Adelmo Inácio Bertoldi, se todas essas permissionárias estivessem trabalhando, a chance de viajar como uma delas seria de 20%. Mas nem ele, que é usuário frequente de táxi, já teve a oportunidade de andar com uma mulher. “Isso nunca aconteceu”, relata o professor.

RENDA EXTRA

Algumas dessas mulheres são profissionais liberais que exercem outra profissão. É o caso da dentista An-

drea Gomes Sobral, que obteve uma permissão na licitação de 2008 da Prefeitura de Vitória. Seu carro é guiado por um defensor.

“Dirigi o carro por uns dois meses, mas acho a função perigosa para uma mulher. Hoje, é uma renda extra”, pontuou.

Outra que também é dona de placa, mas que não dirige, é a advogada Ilma de Camargos Pereira. “Cheguei a guiar logo que peguei a placa”, informou. Mas, após ela ter passado por uma experiência mal-sucedida com um defensor, quem dirige o carro é o marido. “Ele já era do ramo de transporte e resolveu assumir como defensor”, informou a advogada.

SEM CONFLITOS

Nenhuma das duas vê conflitos em possuir uma placa e exercer suas atividades. Lembram que disputaram uma licitação que não restringia a participação de profissionais liberais. Para as duas, o táxi é hoje uma renda extra, que, em média, pode alcançar R\$ 5 mil.

Na lista de permissionários dos municípios, há oito funcionárias públicas. São duas professoras e uma funcionária do Detran em Vitória; uma agente de escolta em Vila Velha; uma professora, uma soldada, uma agente de escolta e uma técnica de enfermagem em Cariacica.



Vinte anos ao volante

Com 20 anos de praça, Mara Lúcia da Silva orgulha-se de ter criado a filha – que hoje é advogada e professora em duas faculdades – com a renda de seu táxi. “Sempre trabalhei muito. Já fui até Belmonte, na Bahia, para não perder um cliente”, relata. Mara comprou a placa de um colega

taxista. “Tive que vender um telefone. Nem sei dizer quanto paguei, a moeda era outra.” Por mês, chega a rodar uns 6 mil quilômetros e tem uma receita de R\$ 3 mil. Na rua todos os dias, ela reconhece que são poucas as mulheres que exercem a profissão. “Conheço umas três ou quatro. E só.”

Profissão da família toda

Neuza Breda Rosário, 51 anos, faz parte de uma família de taxistas em Cariacica. Além dela, seu marido e filho possuem placas. “Como estava sem fazer nada em casa, resolvi entrar no sistema. Pagamos R\$ 45 mil. Hoje, deve valer a mesma coisa”, conta. O fato de ser mulher, garan-

te, ajuda-a a conquistar muitos clientes. “Trabalho de dia e à noite, mas com clientes conhecidos.” A família trabalha também com defensores. “Alguns com diária; outros com comissão. Aqui cobramos R\$ 50 e dividimos a manutenção. Já o combustível é do defensor”, relata.

Sonho: ter uma placa

O sonho de Ivoneti Marchiori Sório é conquistar uma placa. Há dez anos, ela é defensora em Vila Velha. “Trabalho meio a meio com o patrão”, relata. Todos os dias, ela pega no batente às 6h30 e só larga às 19h. Mãe de dois filhos, já se cadastrou várias vezes na prefeitura. “Nunca consegui nada. Só não

tentei comprar porque não tenho dinheiro. É cara. Tem placa que chega a R\$ 130 mil”, diz a mulher, que tira sua renda do táxi. Por mês, chega a faturar R\$ 2 mil e conta com a ajuda dos filhos para completar o orçamento familiar. Sua rotina, garante, é pesada: “Não tenho férias, 13º, nem nada”.

Taxista é agredido por clandestino no aeroporto

Um taxista credenciado da Capital, de 47 anos, foi agredido no Aeroporto de Vitória, na última segunda-feira, por um taxista clandestino. Ele foi ferido no olho direito e no braço esquerdo durante a discussão e precisou receber atendimento médico em um hospital particular.

Segundo a vítima, no último sábado, quando estava em um posto de combustível com um cliente, em Jardim Camburi, também em Vitória, ele teria ouvido do agressor que seria o próximo a receber “um corretivo”.

“Ele disse que ‘os caras’ não iriam me perdoar e

que eu iria apanhar muito para aprender”, contou o motorista agredido.

Na segunda-feira, por duas vezes o mesmo clandestino fez ameaças. “Ele ficou nos intimidando. Nós, taxistas credenciados, queremos trabalhar em paz. Além dos constantes assaltos, agora ficamos com medo dessas agressões e de ameaças de morte”, lamentou o condutor ferido.

A confusão começou quando a vítima e outros 12 taxistas reuniram-se para pedir que o agressor parasasse com as ameaças. O homem não gostou e partiu para cima do taxista, agredindo-o com socos.



TIAGO FÉLIX

A vítima levou socos no olho direito e no braço

O homem ferido seguiu com os colegas para o Departamento de Polícia Judiciária (DPJ) de Vitória, onde registrou um boletim de ocorrência.

O agressor, que trabalha sem autorização e tem um

táxi registrado em Cariacica, fugiu. Ele atua, irregularmente, há vários meses no aeroporto. “Esse homem ameaça todo mundo aqui no ponto. Temos medo de que ele mate um de nós”, frisou um dos condu-

tores de táxi do local.

OUTRO CASO

No último dia 31, um taxista foi agredido por três homens na Reta da Penha, em Vitória, quando voltava de uma corrida. Segundo a vítima, um dos agressores é o homem que agrediu o colega na segunda-feira.

A Justiça determinou, em julho deste ano, a pedido da Polícia Civil, que taxistas irregulares fossem afastados do aeroporto. Caso descumprissem a ordem judicial, esses condutores seriam autuados por crime de desobediência.

➤ **+ VIOLÊNCIA** pág. 13

MEDO

TRABALHEI O DIA TODO PARA, NO FIM, APANHAR

X. Taxista agredido

“Em menos de dez dias, sou o segundo a ser agredido. Trabalhei o dia todo para apanhar no final de horas de serviço. Será que as autoridades vão esperar um corpo sair daqui no rabeção para tomar providência? Além de sofrer assaltos, agora temos medo dessas agressões.”